

terra”, mas vocês terão. E, por isso, é necessário caminhar, e no caminho a gente sempre precisa de uma motivação. Vocês se lembram, no Êxodo, como Deus sempre dava uma nova motivação para as pessoas caminharem, e ir caminhando até chegar à Terra Prometida, até atravessar o rio Jordão?

Portanto é uma caminhada, com metas e motivações intermediárias, e essas metas intermediárias devem manifestar a cidadania em toda a sua plenitude, sempre.

b) *Fio de ouro de toda a Bíblia* - Mas, além disso, ainda há outro ponto que gostaria de lembrar: a esperança é um fio de ouro que perpassa toda a Bíblia Sagrada, desde as primeiras páginas do Gênesis até o Apocalipse. A esperança é aquele fio de ouro que sempre nos conduz e

constantemente reluz diante de nossos olhos, dizendo a cada filho de Deus: “não desanime, porque Deus está preparando a próxima etapa”.

Quando fui escolhido para Bispo, li o versículo da Epístola de São Paulo aos Romanos que diz “de fé em fé”. Enquanto nós vamos crescendo, a nossa fé também tem que crescer, até chegarmos junto a Deus. Aí eu pensei: nós estamos num tempo, onde a esperança é a virtude mais difícil, estamos mesmo. Por isso, vamos colocar “de esperança em esperança” e ESPERANÇA SEMPRE!

Palestra proferida em 7 de outubro de 1998
por Dom Paulo Evaristo, Cardeal Arns,
Arcebispo Emérito de São Paulo.

1999 – ANO DO DEUS PAI UMA PALAVRA AOS SACERDOTES*

Pe. Everaldo Sanches Ribeiro

I - DEUS É PAI

1. O objetivo deste ano é alargar os horizontes do crente até à própria perspectiva de Cristo que é a do Pai que está nos céus (cf. Mt 5,45), que o enviou e a quem ele retomou (cf. Jo 16,28). “*A vida eterna consiste nisto. Que te conheçam a ti, único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste*” (Jo 17,3).

2. Trata-se, portanto, de apresentar toda a vida cristã em perspectiva cristológica como ‘uma grande peregrinação para a casa do Pai, de que se descobre todos os dias o amor incondicional por cada criatura humana e, em particular, pelo ‘filho perdido’ (cf. Lc 15, 11-32). Peregrinação que parte do íntimo da pessoa, alargando-se depois à comunidade dos fiéis até alcançar a humanidade inteira (cf. TMA 49).

3. Portanto, não encerrados em nossos esquemas habituais, mas com uma nova e ampla visão sobre a história, o mundo contemporâneo e a mudança de época que, sem sincretismos nem irenismos, nos permita abraçar cada ser humano e a humanidade inteira, com o mesmo amor eterno que Deus sente por eles (cf. TMA 45).

4. Deus é pai e mãe ao mesmo tempo. Esse é o ápice da revelação sobre o mistério de Deus que Jesus Cristo nos indicou com a sua palavra e com a sua vida. Pai lento para a ira, clemente e misericordioso, que respeita os seus filhos até ao externo da própria liberdade, que nos espera à porta quando decidimos afastar para terras distantes, que busca, toma iniciativas, nos cumula de amor, de ternura, mas que também estabelece o que é bom e o que é reto, fala-nos com clareza para que os nossos passos não se extraviem.

5. Muitas vezes, procuramos compreender o mistério da paternidade de Deus a partir das paternidades humanas, esquecendo-nos de que isto costuma ser um obstáculo para aqueles que passaram por experiências traumáticas de paternidade na sua família. Se quisermos permanecer fiéis à revelação, precisamos a perspectiva é outra: trata-se de compreendermos as paternidades humanas a partir da paternidade de Deus.

* Fonte: CELAM

6. É Deus quem ensina a ser pai/mãe e não o contrário, com essa sua profunda proximidade de "Abba", de quem o Espírito dá testemunho no íntimo do nosso coração.

7. É preciso fugir das caricaturas de Deus que fizeram e fazem muito mal às pessoas. É necessário exorcizar as visões errôneas sobre Deus que povoam nossas mentes para endireitar as distorcidas, completar as parciais e encher de alegria os corações humanos.

8. Algumas caricaturas: Deus justiceiro, vingativo, castigador, feito à imagem e semelhança do homem, incapaz de clemência e perdão, Deus-lei, Deus-árbitro- Deus-pronto-socorro, Deus-policial, Deus-natureza do qual só conhecemos o poder, que muitas vezes nos atemoriza, um ídolo, uma caricatura, uma simples máscara de uma busca sincera sim, mas incompleta de nossa parte.

A PATERNIDADE NA VIDA HUMANA

1. Aprendemos com Deus a exercer a paternidade humana.

2. Paternidade/maternidade é desejo profundo existente no coração de cada pessoa, desejo próprio do ser humano feito imagem e semelhança de um Deus Pai, infinitamente fecundo.

3. Ninguém nasceu para a esterilidade e por isso todos têm diversas maneiras de exercer a paternidade.

- na geração de filhos dentro do matrimônio;
- na adoção de filhos dos outros.
- na paternidade espiritual dos celibatários.

Vivemos em tempos de crise de paternidade, tempos de orfandade e de dificuldades para assumir o amor paterno em toda a sua riqueza onde é difícil combinar a ternura desejada com a capacidade de estabelecer o que é reto o que é claro, o que é norma. Vivemos tempo de "executivos" que nos desatrela desta 'raiz de paternidade' existente em cada um de nós. Assim, na dimensão do "pastoreio":

- 1997 - Jesus Cristo - padre irmão!
- 1998 - Espírito Santo - padre amigo!
- 1999 - Deus Pai - padre pai!

6. O ano dedicado a Deus Pai dará à nossa ação pastoral a oportunidade de dialogar com este profundo interrogativo do homem e da mulher contemporâneos, que viram mudar as formas de exercer a paternidade e nem sempre sabem assumi-las.

A FILIAÇÃO

1. Paternidade e filiação estão relacionadas. Onde há um pai há um filho, uma filial.

2. Se a maior revelação do mistério de Deus é a sua paternidade, a maior revelação sobre cada pessoa não é o ser homem, o ser mulher, mas o ser filho, o ser filha, sua filiação. Não uma filiação indeterminada, mas filiação que aprendemos com Jesus que se relaciona com o Pai, que cuida "das coisas do Pai".

4. Meu pai, minha mãe. Sou filho de fulano... Reconhecer nossa origem, aceitar nossa herança genética, cultural, sagrada, receber com amor os sinais do amor dos nossos pais humanos e do Pai que estão impressos em nosso íntimo.

4. Num mundo cada vez mais fascinado com as suas potencialidades, mundo cada vez mais autônomo, que aparentemente não necessita de Deus, que repete com vestes de modernidade a mesma tentação "dinâmica", mundo com dificuldades para aceitar certas propostas éticas (manipulação genética, vida 'fabricada não gerada' aborto, eutanásia, perversões sexuais, fome etc.), iremos anunciar que a maior graça, o maior dom, não consiste só em sermos homem ou mulher, mas em sermos filhos e na condição de filhos sermos *co-criadores* com Deus Pai. Mostrarmos que Deus não é um nosso concorrente, mas parceiro.

5. A cada pessoa, aflita por "dever ser e "pelas exigências da vida contemporânea", aos "ricos insaciáveis" e aos "pobres carenciados", aos que "não tem tempo para viver e padecem as novas formas de escravidões da vida moderna", iremos revelar o evangelho do Pais providente e que nos busca para satisfazer os nossos desejos mais profundos.

MARIA, FILHA PREDILETA DO PAI

1. Em 1999, saudamos Maria como "filha predileta do Pai, exemplo de amor tanto a Deus quanto ao próximo (TMA, 54).

2. Dela recebemos o afetuoso e insistente convite para "retornarmos à casa do Pai, ao coração de Deus", escutando de sua voz materna: "*Fazei o que Ele vos disser*". Maria, mãe admirável, mulher plena, irmã afetuosa com enorme ressonância no coração de nosso povo, mostra-nos o rosto materno do Pai, dando à luz o seu Filho unigênito e fazendo-se presente com a sua proteção nas encruzilhadas da história.

A VIRTUDE DA CARIDADE

1. Deus é amor e não pode ser senão amor. Nunca se disse algo maior a respeito de Deus, nunca se disse algo maior a respeito do amor.

2. O amor é o atributo de Deus que melhor expressa a sua paternidade e do qual bebemos todos os dias, fazendo-nos "discípulos do amor". Amor paciente, prestativo, compassivo, que não se irrita, não guarda rancor, que tudo desculpa, crê, espera...

2. Assim entendemos que o amor nunca passará. **NÃO PODE! NÃO PODE PORQUE DEUS É AMOR.**

4. A virtude da caridade, na sua dupla dimensão de amor a Deus e ao próximo, é a síntese da vida moral cristão, vida que tem em Deus a sua nascente e a sua meta de chegada. **DO PAI AO PAI.**

5. Sob esta ótica colocar o amor paterno, materno, filial, sponsal, as obras de caridade, promover a vocação ao serviço público nas suas diversas modalidades e, de modo muito especial, na política, que deveria ser a expressão mais alta da caridade; promover a civilização do amor; um ano em que se possa repetir, como nos primeiros tempos da Igreja: "*Vede como se amam*".

OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES

O amor preferencial de Deus Pai está nos pobres, independentemente da sua condição moral.

1. Egoísmo, indiferença, opção pela riqueza, indignidade, exclusão de milhões, isto não vem de Deus, não vem do amor.

2. A Igreja, para além das nossas legítimas diferenças e dos pecados de divisão que devemos superar, é concorde em optar de maneira preferencial pelos pobres. Ela não pode se esquecer das suas origens, do seu berço e nem ter outra lógica senão a de Deus.

3. Neste ano, a Igreja irá propor a "consistente redução se não mesmo o perdão total da dívida internacional" (ATM, 51).

4. Seremos convidados a rever nossas posses, deixar de lado o supérfluo, abraçar a sobriedade, despojarmo-nos com alegria até mesmo do necessário e assim favorecer os que carecem do essencial.

5. Fraternidade. Temos um só Pai. Não fomos chamados à vida para excluir, mas para vincular.

O EVANGELHO DE SÃO MATEUS

1. Chamado o evangelho da Igreja será a palavra inspirada que nos fará progredir no amor vivido em comunidade.

2. Viver em comunidade. Vive-se a opção cristã em comunidade porque em comunhão trinitária vive Deus, nosso Pai

3. Por isso é muito importante a maneira de viver dos discípulos de Jesus e a forma como removem as suas desavenças (cf. Mt 18).

4. O Sermão da Montanha é uma opção que nos faz decidir entre Deus e as riquezas e que propõe a este mundo uma alternativa de uma vida bem-aventurada, fraterna, feliz, opção que nos leva a estarmos atentos à vinda do Senhor, servindo os irmãos (Sermão escatológico).

O SACRAMENTO DO PERDÃO

1. O regresso do Pai leva-nos a empreender um caminho de conversão.

2. Conversão: libertação do pecado e escolha do bem.

3. Esta escolha expressa-se de maneira significativa no sacramento da penitência.

4. Neste sentido, trabalhar pela valorização de importantes critérios morais, pelo equilíbrio entre 'objetivo' e 'subjetivismo', levando as comunidades a descobrirem as maravilhas do sacramento da reconciliação.

5. O que existe é muito mais desconhecimento do que desafeição ao sacramento da reconciliação.

DIÁLOGO COM A CULTURA

1. Crise de civilização, empobrecimento interior em razão do esquecimento e marginalização de Deus.

2. Mostrar que a solução está no projeto da civilização do amor, fundada sobre os valores universais da paz, solidariedade, justiça, verdade e liberdade que encontram em Cristo a sua plena atuação.

3. O ano dedicado ao Pai nos orientará também nas dificuldades apresentadas no diálogo entre culturas e etnias diversas, direito da mulher, promoção da família, matrimônio, diálogo com a ciência e com a tecnologia, realidade multiétnica e pluricultural com profundo respeito pela herança indígena e afroamericana.

4. Estas iniciativas não deverão inibir o anúncio do Evangelho, mas realizar a sua proclamação e celebração de maneira inculturada.

5. Temos presente, que mesmo vivendo em tempos de *secularismo*, há também uma consciência de Deus. Dai a necessidade de confronto com o secularismo e o diálogo com as grandes religiões monoteístas (TMA, 53).

SUGESTÕES PASTORAIS

1. O cristianismo não é uma religião teísta mas trinitária. O nosso Deus tem nome próprio: é Pai, Filho – Jesus Cristo – e Espírito Santo. Não usar a palavra “Deus” de modo genérico, mas falarmos de Deus nosso Pai, o Deus Pai, o Pai de Jesus Cristo, ou simplesmente, o Pai. Só esta iniciativa, colocada em prática, já estará sendo uma profunda catequese sobre o Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo.

2. No sacramento da reconciliação: sermos o sacramento do bom pastor, do Pai que acolhe.

3. Ressaltar, no sacramento do batismo, a nossa filiação divina. Nele Deus nos acolhe como filhos, oferece-nos o “*Pai Nosso*” para podermos orar. A catequese pré-batismal bem como a própria celebração do batismo se tomarão instância privilegiada para se por em relevo esta dimensões constitutivas do nosso ser

4. Na catequese pré-matrimonial como na própria celebração do matrimônio destacar a paternidade/maternidade, filiação e caridade. Catequizar sobre o sentido da paternidade de Deus.

5. Nas catequeses familiares, escolar, paroquial, apresentar a figura do Pai em toda a sua profundidade e beleza (Consulte: Catecismo da Igreja Católica n.ºs. 198-243; 2093-2195).

6. Na catequese sobre o pecado, sempre pessoal e das dimensões sociais que tem, não catequizarmos para determinar os pecados e nem para recriminar (casuísmo, rigorismo) mas para salvar, para situar o fiel, ajudando-o a reconhecer a profundidade do mal (não somos pecadores porque pecamos, mas pecamos porque somos pecadores), para que possa viver na liberdade dos filhos de Deus Pai (Consulte: Catecismo da Igreja Católica n.ºs. 385-421; 1699-2012).

7. Presbíteros, Bispo, um pai pastor. Somos chamados á fecundidade e não é esterilidade. Somos conscientes de nossas dificuldades afetivas. Pois bem, uma espiritualidade do Pai poderá ajudar, abrindo-nos uma fonte para amadurecermos no amor e para que os fiéis possam gozar desta maturidade em nós, ministros ordenados, que estamos a seu serviço. Não raro; autoritarismo, individualismo, inveja, ciúme, apego ao poder, são defeitos/compensações próprias de um celibato não enfocado para esta paternidade espiritual

8. É mais fácil nos apresentarmos como o padre irmão, o padre amigo, o padre-pai-pastor, contudo, é o amor-exigente ...

9. Na Pastoral da Juventude: fruto da modernidade, há entre os jovens o temor de estabelecer relações estáveis e em prol da vida. sendo difícil exercer a paternidade/maternidade responsáveis na vida do lar. Catequizar para a

paternidade de Deus, sobre seu amor fiel, é mais do que nunca necessário. “Os jovens evangelizam os jovens”. Isto é verdade, mas é incompleto. Uma PJ com jovens e para jovens separada do mundo adulto, é uma pastoral que carece de pais, de mães... E, contudo, no coração de cada jovem; homem ou mulher, o maior drama é sempre o pouco entendimento ou simplesmente o desencontro com os seus pais. Mesmo assegurando o protagonismo juvenil na PJ é importante não desarraigar os jovens do mundo adulto. Eles também são chamados a formar suas próprias famílias. Razão pela qual devemos ajuda-los a ter boas imagens de casais jovens e adultos, que os acompanhem e os apoiem, também como conselheiros no desenvolvimento destas dimensões na própria vida.

10. No ano do Pai ... o trabalho com as crianças de rua, a prostituição infantil, o trabalho abusivo podem receber novo enfoque e encontrar motivações mais profundas do que aquelas meramente sócio-econômicas.

11. As Pastorais Sociais. entrar na lógica de Deus Pai nos trabalhos referentes aos Direitos Humanos, na opção preferencial pelos pobres, opção preferencial e não excludente.

12. No ano do Pai e da virtude da caridade renovar a consciência e a prática eclesial sobre as obras de misericórdias espirituais e materiais, alargando nossa ação para além da comunidade eclesial: migrantes, doentes, encarcerados, doentes incuráveis, terceira idade, asilos, orfanatos, hospitais, aposentados, idosos.

13. Outro campo importantíssimo para a caridade ser exercida é também aquele junto aos que exercem responsabilidades de serviço na sociedade como são os políticos, governantes, empresários, militares, magistrados, fugindo ao pragmatismo existente e vinculando estas funções de liderança à sua raiz paterna já que a autoridade que vem de Deus, o Pai, deve ser exercida como d’Ele aprendemos.

14. O diálogo inter-religioso. Cultivar neste ano melhores relações com as grandes religiões monoteístas, fundamentalmente o judaísmo e o islã. Aprofundar nosso conhecimento sobre o Antigo Testamento, termos algumas noções sobre o Alcorão com a devida informação acerca da situação histórica do judaísmo e do islão. Contatos com rabinos e imãs.

Pe. Everaldo Sanches Ribeiro é padre da Arquidiocese de São Paulo, mestre em Teologia Moral pela Accademia Alfonsiana de Roma, e colabora com este número da Revista de Cultura Teológica.